Uma leitura sociológica de Lucas 18,18-30

1. CONSIDERAÇÕES SÓCIO-HISTÓRICAS

1.1. Quem é o autor do texto?

Nesta parte da nossa reflexão pretendemos, tão-somente, observar algumas características de Lucas que nos auxiliem na interpretação do texto em destaque.

Um primeiro dado importante acerca de Lucas é a sua qualificação (cf. Auneau et al., 1985, p. 231). Essa qualidade de Lucas, aliás, parece estar bastante expressa no nosso texto.

José Comblin descreve o autor do terceiro Evangelho como um "cristão que recebera uma alta formação grega"; provavelmente, foi um "missionário itinerante como Paulo"; alguém que admira muito Paulo; inclusive, está evangelizando na "área das Igrejas de ascendência paulina"; apesar disso, tem poucas informações sobre Paulo e não parece ser alguém que tenha conhecido suas cartas (Comblin, 1988, p. 62).

Há algo acerca de Lucas que chama muito a atenção dos estudiosos. Nos seus relatos, tanto no Evangelho como no Livro de Atos, Lucas aparenta uma simpatia pelos romanos. K. Wengst descreve muito bem o problema: "Mas o modo extraordinariamente positivo como o exército romano aparece geralmente na exposição de Lucas, chama a atenção e merece ser mantido como primeira característica da sua percepção da Pax Romana" (Wengst, 1991, p. 134). A constatação de tal fato tem feito com que muitos estudiosos deixem de lado os livros escritos por Lucas, considerando-o como um "defensor dos nossos opressores". Mas não podemos deixar nos levar tão facilmente por tal preconceito. O próprio K. Wengst não vê tal perspectiva com bons olhos, todavia, busca compreender a razão de tal posicionamento de Lucas; a sua conclusão é a de que as pessoas a quem Lucas "se dirige dentro da Igreja são sobretudo cristãos ricos" (Wengst, 1991, p. 146). Tratemos dos destinatários do texto de Lucas no próximo subitem com maiores detalhes.

1.2. A quem se destina o texto?

Aqui também intencionamos a brevidade. Teceremos apenas algumas considerações acerca das pessoas que compunham a comunidade para a qual Lucas escreve. Já temos um dado: existem pessoas ricas na comunidade. Novamente, as considerações de J. Comblin são preciosas para nós; ele defende a tese de que Lucas escreve para uma comunidade (ou "um conjunto homogêneo de comunidades") onde convivem cristãos originados de diferentes posições sociais, econômicas e religiosas. Na comunidade (ou comunidades!) conviviam cristãos judeus e não-judeus, cristãos de origem romana e grega e, finalmente, cristãos ricos e pobres (cf. Comblin, 1988, p. 10).

A diversidade social, econômica e religiosa na comunidade de Lucas era fonte de diversos conflitos entre seus componentes. A presença de cristãos de origem judaica e não-judaica causava um problema sério porque os judeus não estavam acostumados a sentar-se à mesa com quem não fosse judeu. A presença de pessoas da "elite" romana causava também o conflito entre a obediência a Deus e a obediência ao Imperador (talvez por isso é que Lucas pareça tão "simpático" ao Império Romano!).

E, por fim, o conflito que parece ganhar especial destaque no texto que estamos analisando: Como podem (e devem!) conviver cristãos ricos e pobres? A resposta a essa pergunta se torna evidente à medida que analisamos o texto sobre o "homem rico" que se dirige a Jesus. Trataremos disso mais adiante.

2. ESTRUTURA E GÊNERO LITERÁRIO DO TEXTO

Observar, ainda que rapidamente, a estrutura e o gênero literário nos ajuda a compreender melhor o nosso texto. Partiremos da análise realizada por W. Trilling (1981, p. 115-51).

Para simplificar a ampla e complexa análise de W. Trilling, podemos dividir o texto em destaque em três unidades:

1. Lc 18,18-23, onde observamos a cena do homem rico; aqui temos um diálogo de caráter didático; há uma seqüência de perguntas e respostas e, por fim, uma instrução; o diálogo nasce de uma questão doutrinária;

2. Lc 18,24-27, onde observamos as palavras de Jesus acerca da dificuldade de um rico entrar no Reino de Deus; este trecho tem um caráter profético: Jesus está exortando os ricos;

3. Lc 18,28-30 é marcado pela pergunta de Pedro e a resposta de Jesus; trata-se de um dito sentencioso do célebre mestre – Jesus Cristo.

3. COMENTÁRIOS SOBRE O TEXTO

As perguntas que fazemos a seguir têm um caráter didático e foram elaboradas de acordo com a análise da estrutura do texto proposto acima.

3.1. Que fazer para herdar a vida eterna?

É com essa pergunta que a primeira parte do nosso texto (Lc 18,18-23) é iniciada. Como já se assinalou, trata-se de um diálogo de caráter didático. A

pergunta é dirigida a Jesus pelo "homem rico". O pano de fundo de surgimento do texto tem sem dúvida um caráter doutrinário. A comunidade para a qual Lucas escreve enfrenta um problema doutrinário muito sério: é a crença na coincidência entre riqueza e bênção divina. Para as pessoas da época, existia uma perfeita relação entre riqueza e bênção de Deus, por um lado, e, por outro, havia também uma estrita relação entre pecado e maldição divina. Se alguém era rico, necessariamente o era devido à bênção de Deus, mas o contrário também era verdade: o pobre era pobre porque Deus se ausentara de sua vida (maldição). Mas este problema precisa ser corrigido, e Lucas lembra à comunidade o exemplo do Mestre, que convivera com os pobres e desesperados, valorizando-os, comendo com eles, curando-os e, por isso, causando escândalo à "elite" religiosa judaica.

Pela forma como escreve o texto, Lucas está mostrando que as riquezas, ao invés de conduzirem à vida eterna (como se pensava!), poderiam, de modo contrário, impedir que o indivíduo a obtivesse.

Não é o seguimento da Lei que elege o indivíduo (ou a comunidade) à vida eterna. O indivíduo também não está eleito somente porque é rico. Aqui, as riquezas são apontadas como uma forma de distanciamento entre o ser humano e Deus; "não se pode servir a Deus e às riquezas".

A pessoa que se dirige a Jesus é um homem de "posição"; provavelmente um oficial romano (cf. Morris, 1983, p. 250). Seja como for, era alguém pertencente à "classe" dominante. Era também alguém que achava que a vida eterna era algo que o indivíduo fazia por merecer. Mas Lucas lembra que as coisas não são bem assim. A vida eterna é algo ofertado por Deus. O ser humano "apenas" vai mostrar-se, ou não, receptivo a essa graça. Estar receptivo a essa graça significa estar disposto a colocar a Deus acima de qualquer coisa, inclusive, e principalmente, acima das riquezas.

Mas o homem rico não pode se dispor a receber esta graça. Para ele, as riquezas são mais importantes que Deus. Como se vê, o que na época parecia um motivo, que por si só, colocava o indivíduo no "céu", aqui se coloca como empecilho ao "céu". O rico só tem acesso à vida eterna, à medida que decide despojar-se de seus bens em benefício do Reino de Deus. O rico que não partilha com o pobre suas riquezas não tem acesso ao Reino de Deus. A posição de Jesus é clara: ele está do lado dos pobres. A posição de Lucas também parece clara: no conflito existente entre ricos e pobres na comunidade, ele deixa claro que o verdadeiro cristão é aquele que tem somente a Deus como fundamental; o rico que não se dispõe a partilhar o que possui já está condenado.

3.2. Quem pode ser salvo?

A segunda parte do nosso texto (Lc 18,24-27) é iniciada por uma exclamação assustadora de Jesus: "como é difícil para o rico entrar no Reino de Deus!" O espanto é maior ainda quando Jesus afirma, profeticamente, que "é mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha que um rico entrar no Reino de Deus". Muitos perguntam até hoje: "que será que Jesus pretendia com tal afirmação?"

Várias foram as tentativas de amenizar a palavra profética de Jesus contra os ricos. Já se empreenderam tentativas de afirmar que Jesus estava se referindo a "um camelo se espremendo por uma pequena porta lateral da cidade ou por meio de sugerir o texto (sic) *kamilon*, 'cabo', em lugar de *kamelon*, 'camelo'" (cf. Morris, 1983, p. 252). O fato é que Jesus está utilizando um recurso de linguagem – a

hipérbole, expressão de exagero – para determinar a impossibilidade de um rico ser salvo (cf. Marshall, 1979, p. 687). O fato é que, por uma questão de lógica, jamais um camelo passará pelo fundo de uma agulha; por analogia, um rico não pode ser salvo.

As pessoas ficaram muito espantadas. Se (conforme se pensava!) um rico era rico devido à bênção de Deus e Jesus está dizendo que é impossível que ele venha a entrar no Reino de Deus, as pessoas passam a achar que ninguém mais pode ser salvo. Em primeiro lugar há de se observar que a idéia de que o rico deve seu estado à bênção divina é uma criação da mente humana; as palavras do texto bíblico demonstram exatamente o contrário. Em segundo lugar, Jesus usa uma figura de linguagem de exagero; mas não fecha a questão: "As coisas impossíveis para os homens são possíveis para Deus". Observamos a análise de I.H. Marshall a esse respeito: "como pesou sobre os discípulos tão drástica declaração, que parece não admitir total esperança de salvação para ninguém, Jesus respondeu que aquilo que é certamente impossível do ponto de vista humano, é possível em termos de poder de Deus. A declaração não é explicada satisfatoriamente, mas o ponto é que Deus pode operar o milagre da conversão nos corações até mesmo do rico" (Marshall, 1979, p. 686). Não é por acaso que Lucas vai narrar, no capítulo seguinte, a salvação chegando até Zaqueu, um homem "muito rico" (Lc 19,2). Ao se confrontar com o projeto de Jesus, Zaqueu é transformado: deixa de ser opressor e dá evidências de que passou por uma conversão: – "A metade dos meus bens, Senhor, eu dou aos pobres; e se roubei alguém, vou devolver quatro vezes mais" (Lc 19,8).

Enfim, todos podem ser salvos. Mas o caminho da salvação não é o caminho do apego às riquezas. Isso não identifica a bênção divina (muito pelo contrário!). O caminho da salvação é o caminho da autonegação – é aqui que reside o sinal da bênção divina (cf. Marshall, 1979, p. 689). Deus torna possível o que humanamente é impossível. Isso está estampado claramente na vida de Zaqueu; o que parecia impossível, para Deus foi possível: um rico renunciar a sua riqueza e assumir o "partido" dos pobres!

3.3. Qual é a retribuição que se recebe por seguir a Jesus?

Esta última pergunta tenta nortear a análise empreendida em torno da terceira parte do nosso texto bíblico (Lc 18,28-30). Pedro é o "porta-voz" dos discípulos: "vê: nós deixamos os nossos bens e te seguimos". É como se perguntasse qual seria a retribuição pelo seguimento a Jesus. Jesus é claro no pronunciamento da sentença: quem deixa "casa, mulher, irmãos, pais, filhos", desde que seja pelo Reino de Deus, "não ficará sem receber muito mais durante esta vida e, no mundo futuro, vai receber a vida eterna". Aqui se consolida a afirmação acima: o caminho da bênção divina é o caminho da autonegação. Aquele que se nega, deixando bens, recebe de Deus "muito mais". A questão agora é compreender o que significa esse "muito mais", uma vez que a tendência humana é interpretar a expressão em um sentido material. O caminho da bênção divina é o caminho percorrido pela comunidade de indivíduos que se autonegam; quando todos abrem mão de bens materiais em função do "outro", não há acúmulo nem falta para ninguém; todos ficam supridos. Jesus não está, aqui, prometendo a riqueza material, senão isso seria um contraponto a tudo aquilo que foi dito por ele mesmo anteriormente. Ele apenas está afirmando que, quando todos não estão preocupados exclusivamente consigo mesmos e, por isso, partilham o que possuem, não há ninguém que passe necessidade. É esta a maneira como Deus supre as necessidades dos seus seguidores. O

fundamental é que este é o único caminho para a vida eterna. O desprendimento das riquezas é o caminho da vida eterna. Nesse sentido podemos afirmar que a autonegação tem uma dimensão escatológica: a qualidade de vida futura depende da opção das pessoas no presente. Não é por acaso que Lucas está lembrando tudo isso a uma comunidade que vive um conflito entre ricos e pobres.

4. UMA "RE-LEITURA" DO TEXTO

4.1. Renunciar para herdar

Esperamos ter conseguido, até aqui, exorcizar boa parte dos preconceitos atribuídos ao texto bíblico em análise. Agora podemos "re-ler" o nosso texto, ou seja, já podemos observar qual é a sua mensagem para os dias de hoje.

O Evangelho, na atualidade, tem sido exageradamente "barateado" por muitas pessoas. Muitos anunciam uma mensagem completamente "pagã" e a denominam de evangélica. Basta que nos lembremos dos apelos feitos em algumas comunidades cristãs para que o indivíduo "aceite a Cristo em sua vida e tudo será maravilhoso". O nosso texto bíblico mostra justamente o contrário: vida cristã é uma vida de renúncia, e isto é algo extremamente difícil para todos nós que fomos criados para sermos individualistas. Ninguém pode dizer que é fácil ser cristão, a menos que deseje ignorar as exortações de Jesus. É claro que o cristianismo é algo belo, mas também é um "projeto" muito exigente. Assim, podemos afirmar que a vida cristã é um constante renunciar a si mesmo a fim de que o "outro" seja beneficiado. Esta escola é difícil, mas tem suas compensações; aquele que se decide pela renúncia tem um fim bem definido: a vida eterna. De modo contrário, aquele que se nega à renúncia já está condenado à privação da vida eterna.

Aqui se localiza uma questão fundamental para os dias de hoje. Trata-se dos ricos que aspiram ao ingresso na vida cristã. Há ricos que se dizem convertidos, mas não querem renunciar à opressão/exploração da vida humana. A Palavra de Deus é bastante clara ao demonstrar que conversão não é um sentimento, uma emoção, simplesmente; conversão é um modo de vida no qual a pessoa é totalmente transformada por Deus na sua forma de pensar e agir. Somente aqueles que se convertem ao caminho autêntico – Jesus Cristo – é que herdam a vida eterna. Por isso o rico que, de fato, se converte ao cristianismo, deve alterar sua forma de enfocar a riqueza. Só quando há uma renúncia verdadeira é que o ser humano pode estar disponível para Deus e, por conseguinte, pode herdar a vida eterna.

Enfim, no cristianismo não há nenhum espaço para a chamada "Teologia da prosperidade" que identifica uma coincidência entre riqueza e bênção divina. Já o próprio Senhor Jesus refutou tal tese ao afirmar que não se pode servir a Deus e às riquezas. O pobre não é pobre porque Deus quer; o pobre não é pobre porque é amaldiçoado por Deus; o pobre não é pobre porque é pecador. O pobre é pobre porque há quem o explora; o pobre é pobre porque os ricos não abrem seus ouvidos para Deus que os convida a renunciar às suas riquezas: "Quando ouviu isso, o homem ficou triste porque era muito rico" (Lc 18,23).

4.2. Impossível ao ser humano, mas não para Deus

Se analisarmos friamente, qual é a lógica que existe no fato de um homem muito rico vender tudo o que tem e dar aos pobres? Quem poderá "apostar" que um

cobrador de impostos, um ser exageradamente detestável, corrupto e rico, irá renunciar a tudo que possui? Quem poderia dizer que Zaqueu iria se empolgar com o "projeto" de Jesus?

Do mesmo modo, poderemos questionar as pessoas dos dias de hoje. Há alguma lógica em se afirmar que os ricos deixarão seus palácios e suas fortunas e passarão a dividi-las com os pobres? Tem alguma lógica afirmar que os políticos corruptos do Brasil deixarão a corrupção e a sua fortuna e investirão em benefícios sociais? Existe alguma lógica em se acreditar que algum dia o voto deixará de ser um instrumento que legitima a corrupção dos outros para ser instrumento de exercício da democracia? Há alguma lógica em se afirmar que crianças deixarão de morrer de fome enquanto os ricos jogam comida no lixo? Há alguma lógica em se acreditar que crianças deixarão de ser assassinadas a sangue frio? Há lógica em se afirmar que o índio e a sua terra terão o devido respeito pelos "poderosos" do país? Há alguma lógica em se crer que os negros terão as mesmas oportunidades que os brancos na sociedade brasileira? Há alguma lógica em se afirmar que a mulher será um ser respeitado e igual ao homem em direitos e oportunidades?

A lógica humana afirma que a sociedade brasileira não tem solução. A lógica humana afirma que estamos atolados no lamaçal do egoísmo, da corrupção e da exploração. É também óbvio que a constatação do caos em que vivemos deveria nos conduzir ao desespero e ao pessimismo. Mas lutamos! Por que será, então, que lutamos, apesar de tudo?

Lutamos e lutaremos, porque a lógica humana não é "lógica" divina. Aquilo que nos parece absolutamente impossível, não é impossível. Deus opera milagres. Embora as pessoas privilegiem o milagre sobrenatural, não é esta a única forma de milagre. Deus faz o milagre de converter o opressor do pobre em solidário do pobre. Deus é o único capaz de fazer com que um Zaqueu venha a renunciar ao seu modo corrupto de viver para partilhar o que tem com os pobres. Por isso, existe esperança para o ser humano e para a sociedade. Não é uma esperança de que alguém fará algo por nós; mas é a esperança de que semearemos a Palavra de Deus (Palavra que confronta o opressor e o transforma em solidário) e as pessoas se transformarão.

O nosso texto nos mostra a resistência do opressor em renunciar à sua riqueza, mas não acaba com a nossa esperança, pois afirma que a impossibilidade humana pode ser possibilidade divina. Por isso, podemos e devemos sonhar! Não somente sonhar, mas lutar para que o sonho se transforme em realidade!

4.3. A retribuição espiritual de Deus

É perigoso interpretarmos a afirmação de Jesus (de que aquele que renuncia vai receber "muito mais") em um sentido material. Olhar para o texto desta forma é fazermos com que o Mestre diga algo que o nosso mundo contemporâneo gostaria de ouvir. É claro que a proposta de Deus não é a de que vivamos miseravelmente. Mas também não há necessidade de que ninguém acumule bens materiais. Aliás, esta perspectiva de que alguém precisa ter muitos bens materiais para viver bem é uma "invenção" (social) do mundo capitalista. O capitalismo aplaude a mentalidade do acúmulo material. A "retribuição" prometida por Jesus não é de bens materiais, mas tem um sentido espiritual. Mas como assim, espiritual?

Quando falamos em "retribuição espiritual" precisamos tomar cuidado para não espiritualizarmos a questão. Estamos utilizando o termo espiritual em

um sentido amplo; espiritual não abrange só o aspecto religioso, mas também a dimensão psicossocial da vida humana. Portanto, aquele que renuncia a seus bens recebe de Deus a bênção de uma vida psicologicamente sadia; recebe a bênção da vida eterna que não começa só no futuro, mas que penetra no presente e cria já uma boa qualidade de vida para todos. Por isso, os cristãos "primitivos" renunciavam ao que possuíam e colocavam à disposição dos outros; deste modo, não havia quem viesse a padecer, perturbar-se pela ausência de alguma coisa.

O nosso texto bíblico nos fornece tanto os elementos para criticarmos distorções que tentam mostrar que um cristão deve, necessariamente, prosperar economicamente; como distorções que tentam espiritualizar as palavras de Jesus. No texto há um só projeto: a igualdade entre as pessoas; há um só caminho: a renúncia de si mesmo e das riquezas; há, porém, duas retribuições para as pessoas: 1) a eterna ausência divina para aqueles que se apegam às riquezas; 2) a vida eterna (ou a vida eternamente permeada pela presença de Deus) para aqueles que renunciaram a si mesmos e, conseqüentemente, às riquezas. A escolha é feita agora; as conseqüências da nossa opção começam a pesar sobre o agora e se estendem até a vida eterna. Cada sociedade recebe a justa retribuição em conformidade com a opção que faz.

Bibliografia

AUNEAU, J. e outros, *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*, Paulinas, 1985.

COMBLIN, J., *Atos dos Apóstolos.* Volume I, Editora Vozes, 1988.

MARSHALL, I.H., *The Gospel of Luke*, Eerdmans, 1979.

MORRIS, L.L., *O Evangelho de Lucas*, Edições Vida Nova, 1983.

TRILLING, W., *O Anúncio de Cristo nos Evangelhos Sinóticos*, Ed. Paulinas, 1981.

WENGST, K., *Pax Romana: Pretensão e Realidade*, Ed. Paulinas, 1991.

Alfredo dos Santos Oliva
Av. João Pessoa, 5570
60436-060 Fortaleza, CE